

# O COMPORTAMENTO DOS ADVÉRBIOS ASPECTUAIS *AINDA* E *JÁ*

## *THE BEHAVIOR OF ASPECTUAL ADVERBS AINDA AND JÁ*

Débora Gandra de Souza<sup>1\*\*</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa descreve os usos dos advérbios aspectualizadores *ainda* e *já*, examinando sua interação com outros elementos tempo-aspectuais. Observa-se que a semântica de *ainda* indica o acréscimo de um evento vinculado ao evento principal da sentença, e sua afinidade com o aspecto imperfeito. Para o advérbio *já*, observa-se que sua semântica indica anterioridade de um evento vinculado em relação ao tempo de referência, e sua afinidade com o aspecto perfectivo. Por fim, comenta-se brevemente o comportamento dual desses itens.

Palavras chave: *ainda*; *já*; aspecto.

**ABSTRACT:** This research describes the uses of the aspectual adverbs *ainda* and *já* by examining their interaction with other temporal-aspectual elements. We observe that the semantics of *ainda* indicates the addition of an event linked to the main sentence's event, and its affinity with the perfective aspect. As to *já*, we observe that its semantics indicates the priority of the linked event to the reference time, and its affinity with the imperfective aspect. Finally, we weave a brief comment on the dual behavior of these items.

Keywords: *ainda*; *já*; aspect.

### 1. INTRODUÇÃO

Advérbios aspectuais atuam simultaneamente no campo do tempo e do aspecto, denotando uma relação temporal entre o começo ou o final de um evento e o tempo dêitico de referência deste evento. Esses advérbios também introduzem informações sobre os juízos e expectativas dos falantes a respeito de possibilidades

---

<sup>1</sup> Graduanda, UFPR.

<sup>\*\*</sup> Este trabalho é resultado de minha pesquisa de Iniciação Científica, orientada pela Profa. Dra. Maria José Foltran, UFPR, a quem agradeço as contribuições. Agradeço também a leitura do Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci (UTFPR), cujas observações tornaram este trabalho melhor.

passadas ou futuras dos acontecimentos referenciados. Assim, os advérbios aspectualizadores operam através de uma combinação de informação factual com atitudes e proposições do falante (RAPOSO, 2013).<sup>2</sup> São exemplos de advérbios aspectuais: *já*, *ainda*, *quase*, *nunca mais*, *finalmente*, dentre outros. Este trabalho aborda dois advérbios específicos, *ainda e já*, procurando descrever seus diferentes usos e leituras possíveis.

Frequentemente tratados como itens duais, *já* e *ainda* operam sobre o campo do tempo e do aspecto, podendo gerar uma miríade de leituras a partir de diferentes contextos de ocorrência. Observe:

- (1) a. A Carla *ainda* está passeando com os cachorros.  
b. Júlio *ainda* estendeu a roupa antes de sair.  
c. O bebê *ainda* vai nascer.  
d. A artista não terminou de pintar o retrato, *ainda* está fazendo o esboço.
- (2) a. O Luís *já* vai servir a janta.  
b. Quando a Ana voltou para casa, *já* tinha almoçado.  
c. O bebê *já* nasceu.  
d. A artista começou a pintar o retrato, *já* está no sombreamento.

Conforme os exemplos em (1), *ainda*, combinado com os outros elementos da sentença, pode apresentar a ideia de que um evento não acabou, mas que acabará logo, em um futuro imediato (como em (1a)); que o evento em questão se soma a vários outros e que não se esperava que ele fosse realizado (como em (1b)); que o evento ainda não se deu, mas é esperado no futuro próximo (como em (1c)); ou ainda a

---

<sup>2</sup> Nota-se que Raposo (2013) e Lopes (2000; 2003) são estudos referentes ao Português Europeu. De modo geral, observa-se bastante similaridade nos usos de *já* e *ainda* entre essas duas variedades do Português. Será mencionado no texto, em nota de rodapé, os momentos em que a análise dos advérbios para o Português Brasileiro variar com relação àquela observada para o Português Europeu.

expectativa de que um evento estivesse em um estado mais avançado (como em (1d)). Nos exemplos em (2), por sua vez, *já* permite as leituras de que um evento se dará no futuro próximo (como em (2a)); que o evento se deu antes de outros e apesar da expectativa contrária (como em (2b)); que o evento se deu prematuramente (como em (2c)); ou ainda a expectativa de que um evento estivesse em um estado menos avançado (como em (2d)).

A significação dos itens lexicais constitui amplo debate no campo de estudo das línguas naturais. Ainda que seja evidente que cada item possui um significado próprio e inerente, também se observa que esse significado se modifica ao se combinar com outros elementos da sentença. O presente trabalho apresenta um levantamento bibliográfico das análises acerca do significado dos advérbios *já* e *ainda*. Busca-se apresentar a descrição do contexto de distribuição desses advérbios através de sua interação com diversos valores tempo-aspectuais, de forma a mostrar as relações entre os usos e sentidos possíveis desses itens e procurando apreender na sua semântica e pragmática nexos conceituais que articulem e unifiquem esses diferentes valores. Para tal, utilizamos de pesquisa bibliográfica e de análise de exemplos. Os exemplos são de elaboração da própria autora ou adaptados da bibliografia, e foram analisados com base na intuição de falante e julgamento individual, bem como a partir de testes de pressuposição e acarretamento quando estes se mostraram necessários. Os julgamentos de aceitabilidade e a análise feita se referem ao Português Brasileiro.

## 2. DELIMITANDO O ESCOPO

Conforme Eduardo Raposo (2013), os advérbios aspectuais atuam simultaneamente na área do tempo e do aspecto e promovem a expressão de juízos e expectativas do falante acerca das situações descritas pela sentença. Assim como ocorre com itens de outras classes adverbiais, *ainda* e *já* possuem tanto leituras que

operam sobre o evento (leituras “baixas”), como leituras que operam sobre o discurso (leituras “altas”).<sup>3</sup>

Ana Cristina Lopes (2000; 2003) apresenta os usos tempo-aspectuais e os usos discursivos de *ainda* e *já*. Os usos discursivos de *ainda* se subdividem, conforme (3), em: uso de localização espacial, uso escalar nocional (com usos de fronteira de domínio nocional e usos comparativos), uso concessivo, uso como marcador de estruturação textual, uso aditivo, e de valor ilocutório expressivo. Os usos discursivos de *já* se dividem, conforme (4), em: valor avaliativo, valor escalar, valor contrastivo, e uso como conector explicativo.

- (3) a. A sede da fábrica ainda fica em Joinville.  
b. A Vivian pode até ser adolescente, mas o André ainda é uma criança.  
c. As leis nem sempre são justas, ainda assim, deve obedecê-las.  
d. Eles querem ganhar mais, ainda hoje fizeram hora extra.  
e. Eu bebo bastante água, e ainda como direito, e ainda faço exercício, e não emagreço.  
f. Ainda bem!

- (4) a. O Márcio já voltou ao Brasil. (já = finalmente)  
b. A Diana já é uma atriz de sucesso.  
c. O Felipe é preguiçoso, já o irmão é trabalhador.  
d. A Bianca precisa estudar bastante, já que demora para aprender a matéria.

Este trabalho irá focar nas leituras de *ainda* e *já* que operam sobre o evento, como os exemplos em (1-2), uma vez que as leituras “baixas” apresentam de maneira mais proeminente o elemento temporal e aspectual desses advérbios. Dessa forma, as

---

<sup>3</sup> Observa-se a presença de uma leitura sobre o evento e de uma leitura sentencial para advérbios orientados para o falante (*honestamente, estranhamente*); orientados para o sujeito (*inteligentemente, relutantemente*); epistêmicos (*claramente, obviamente*); e de modo (*lentamente, brutalmente*); dentre outros. Sugerimos Ray Jackendoff (1972) como uma leitura neste tópico.

leituras discursivas mostradas nos exemplos em (3-4) não estarão sob o escopo dessa pesquisa.

Como advérbios aspectuais, *ainda* e *já* operam sobre a localização temporal de um evento e sobre as fronteiras desse intervalo de tempo, ou seja, sobre tempo e aspecto gramatical. Há, na literatura, certa divergência na nomenclatura referente a aspecto. Neste trabalho, será feita a opção de tratar aspecto gramatical por “aspecto”, e aspecto lexical por “*aktionsart*”, em prol da simplicidade e fácil diferenciação entre os dois.

*Aktionsart*, ou aspecto lexical, se refere a diferentes tipos de estruturas que as eventualidades trazem. Zeno Vendler (1967) delimita quatro categorias de *aktionsart*: *estados* (e.g. amar, saber), *atividades* (e.g. correr, nadar), *achievements* (e.g. pintar um quadro, construir uma casa), e *accomplishments* (e.g. morrer, chegar). Estados e atividades se diferenciam por aqueles serem estáticos e estas serem dinâmicas. *Achievements* e *accomplishments* se distinguem de estados e atividades por terem um ponto de culminação (*telos*), e se distinguem entre si uma vez que *achievements* apresentam uma fase preparatória e *accomplishments* são pontuais. Observe o quadro abaixo:

	Dinamicidade	Duratividade	Telicidade
Estados	-	+	-
Atividades	+	+	-
<i>Achievements</i>	+	+	+
<i>Accomplishments</i>	+	-	+

QUADRO 1 — CLASSES DE *AKTIONSART*.

FONTE: A AUTORA, 2020.

Aspecto gramatical diz respeito ao ponto de vista ou enquadramento que cada eventualidade pode receber, e tem a sua divisão principal em duas categorias: perfectivo e imperfectivo.<sup>4</sup> O aspecto perfectivo apresenta o enquadramento de uma eventualidade como unitária e com fronteiras definidas em seu início e fim (*bounded*), conforme (5a). O aspecto imperfectivo, por sua vez, enquadra uma eventualidade como contínua (ou acontecendo repetidamente) e sem fronteiras definidas para o seu início e fim (*unbounded*), conforme (5b):

- (5) a. Ela me ajudou com as tarefas.  
b. Ela costumava me ajudar com as tarefas.

As características tempo-aspectuais de uma sentença são composicionais, emergindo da combinação das características lexicais do verbo, diferentes desinências verbais, complementos e outros itens que operam sobre esses elementos. Devido a isso, este trabalho procura observar os advérbios *ainda* e *já* em interação com contextos diversos de valores temporais, aspectuais e de *aktionsart*.

Para além de sua interação com diversos valores de tempo e aspecto, procura-se investigar o significado dos advérbios em questão, identificando qual a informação veiculada por esses itens e como esta é veiculada. Para tal, se faz necessário distinguir qual parte do significado de *ainda* e *já* se dá no dito, que se ocuparia do teor semântico, e qual se dá no implicado, que seria a informação interpretada pragmaticamente, alcançada através de inferências.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Para mais sobre aspecto gramatical, recomendamos Luiz Carlos Travaglia (2016) como leitura inicial no assunto.

<sup>5</sup> Para lidar com as informações no campo do não dito, faremos uso do modelo de implicaturas de Paul Grice (1982). Grice descreve que a comunicação é baseada em regras, pactuadas no que se chamou Princípio da Cooperação. Esse princípio é regulado por 4 máximas: a *máxima da quantidade* (seja tão informativo quanto necessário); a *máxima da relevância* (seja relevante); a *máxima da qualidade* (não diga o que não é verdadeiro); e a *máxima do modo* (seja o mais breve e claro quanto possível). Partindo do princípio da cooperação, ao se quebrar uma das máximas se supõe que o falante está sendo cooperativo e querendo comunicar alguma coisa com isso: se cria assim um outro

### 3. *AINDA*: SIGNIFICADO E DISTRIBUIÇÃO

Letícia Gritti (2013) delimita três usos de *ainda* dentro do campo tempo-aspectual com os valores de continuação, adição e repetição, conforme (6), (7) e (8), respectivamente:

- (6) a. A Natália ainda corre.  
b. A Eliana ainda estava estudando quando a aula acabou.
- (7) a. #Tiago ainda brincou com os amigos.<sup>6</sup>  
b. Tiago jogou bola, fez a tarefa e ainda brincou com os amigos.
- (8) a. #O José ainda fumou.  
b. O José ainda fumou antes de morrer.

A presença do *ainda* continuativo nas sentenças em (6) indica a ideia de continuidade do evento denotado pelo verbo principal, apesar da expectativa de que esse já tivesse acabado. Das três leituras, essa é a que ocorre com maior frequência, sendo o uso prototípico do *ainda*, conforme os dados do NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Oral Culta) recolhidos pela autora. Em (7), observa-se o uso aditivo de *ainda*, que apresenta um contexto no qual há uma lista de eventos e mais um é acrescentado. Esse contexto aparece implícito em (7a) e explicitado em (7b). A interpretação de repetição presente em (8) é mais difícil de ser encontrada na língua

---

nível de comunicação, através do não dito. Grice propõe as implicaturas como um mecanismo onde a aparente quebra de uma das máximas do princípio da cooperação promove a comunicação de significados que não estão semanticamente presentes na frase, mas que podem ser inferidos desta.

<sup>6</sup> O símbolo “#” é usado para indicar que a leitura do exemplo não é a mais natural.

portuguesa.<sup>7</sup> Sinônimo de *de novo*, o *ainda* repetitivo indica que depois de um evento houve um outro evento do mesmo tipo, ou seja, que o evento voltou a acontecer. Essa interpretação é mais acessível em exemplos com *antes de morrer*, conforme explicitado pelo exemplo em (8b).

Gritti (2013) apresenta uma análise unificada para estes três usos tempo-aspectuais de *ainda*, composta de uma contraparte semântica e uma contraparte pragmática. Para diferenciar os aspectos pragmáticos e semânticos do significado desse advérbio, a autora faz uso de testes de acarretamento e de família pressuposicional<sup>8</sup>, de modo a determinar quais são as pressuposições e implicaturas alçadas, conforme (9) e (10)<sup>9</sup>, respectivamente:

- (9) a. João ainda estuda na UFSC.
- b. João estudava na UFSC.
- c. Negação: João já não estuda mais na UFSC.
- d. Hipótese: Se João ainda estuda na UFSC é porque ele gosta.

---

<sup>7</sup> Gritti (2013) apresenta um breve teste empírico, verificando a interpretação de falantes de exemplos com *ainda* e *antes de morrer*. Foram apresentadas frases como a do exemplo em (8b) para que os participantes apontassem quais interpretações poderiam ver dentre três leituras possíveis: a) João estava muito mal e ainda por cima fumou antes de morrer (leitura aditiva); b) João já havia fumado outras vezes na vida e fumou pela última vez antes de morrer (leitura de repetição); e c) João nunca havia fumado na vida, exceto naquela vez antes de morrer (evento único). Do total de 50 informantes, 10 viram a leitura de repetição em qualquer sentença (independente do predicado); 24 viram apenas nos predicados cuja repetição era mais plausível (como *fumar* ou *escrever uma carta*, mas não em *escrever o testamento* ou *construir uma casa*); 7 afirmaram ver tanto a leitura de repetição quanto a leitura de evento único; e 4 não viram nem a leitura de repetição, nem a leitura de que o predicado ocorreu apenas uma vez. Assim, o breve teste empírico concluiu que a leitura de repetição, ainda que rara, está presente no Português Brasileiro.

<sup>8</sup> Acarretamento é uma noção estritamente semântica, indicando a inclusão do sentido de uma sentença em outra, de modo análogo à hiponímia. Pressuposição, por outro lado, é uma relação de sentido semântico-pragmática, que surge a partir do que está contido na sentença, mas que também se refere ao contexto extralinguístico. O teste de Família-P (ou família pressuposicional) conta com uma regra: "Uma sentença A pressupõe uma sentença B se e somente se A e os outros membros da Família-P acarretam B" (PIRES DE OLIVEIRA; BASSO, 2014, p. 61). Os membros da Família-P são contextos de negação, hipotetização e interrogação da proposição afirmada, entre outros. Recomendamos a leitura de Márcia Cançado (2012) e Roberta Pires de Oliveira e Renato Basso (2014) para mais detalhes nas relações de acarretamento e pressuposição.

<sup>9</sup> Exemplos (5) e (16) em Gritti (2013).





mantém a finalização do evento aberta. No perfectivo, por sua vez, a finalização do evento já está dada, forçando assim outra leitura: a de adição.

	Presente	Passado	Futuro
Perfectivo		# João ainda cortou o cabelo ontem, quando Maria chegou.	
Imperfectivo	a. João ainda está cortando o cabelo. b. João ainda corta o cabelo todos os meses.	João ainda cortava o cabelo todos os meses quando Maria o conheceu.	a. João ainda vai ganhar o campeonato. b. João ainda vai cortar o cabelo.

QUADRO 2 — USOS DE *AINDA* NO ASPECTO PERFECTIVO E IMPERFECTIVO.

FONTE: GRITTI (2013, p. 80).

Conforme a tabela acima, os usos de *ainda* são mais predominantes no aspecto imperfectivo. No que diz respeito ao tempo, nota-se que no tempo futuro *ainda* pode induzir uma leitura modal em que o falante exprime seu desejo de que o evento descrito pela sentença aconteça. Acrescentando essa leitura de desejo que surge da interação entre o *ainda* e o tempo futuro, temos a seguinte gama de usos do *ainda*:

	Imperfectivo	Perfectivo	Futuro
Leitura Preferencial	Continuação	#Adição	Desejo
Leitura(s) Secundária(s)	#Adição	Continuação, #Repetição	#Adição, #Continuação, #Repetição

QUADRO 3 — USOS DO *AINDA*, LEITURAS PREFERENCIAIS E SECUNDÁRIAS.

FONTE: A AUTORA, 2020.

Em todos os casos no imperfectivo, a primeira interpretação que temos do *ainda* é a da continuação — de um hábito ou de um evento episódico, a depender da forma verbal combinada ao aspecto. No perfectivo, a leitura aditiva é a mais natural, contudo, mesmo essa se encontra contextualmente marcada.

Outro aspecto relevante do significado de *ainda* emerge da interação deste item com as diferentes classes de *aktionsart*. Observam-se diferentes nuances no sentido de continuidade apresentado por *ainda* quando este é combinado com diferentes valores verbais, conforme (11):

- (11) a. Sara ainda dá aula. (hábito)
- b. Diogo ainda corre. (genérica)
- c. Sara ainda estava almoçando quando Diogo chegou. (episódica)
- d. Diogo ainda ama Sara. (estado)
- e. Sara ainda anda. (habilidade)

De modo geral, *ainda* pode se combinar com qualquer classe de *aktionsart*. Contudo, notam-se algumas restrições dentre os predicados estativos com os quais *ainda* pode se combinar (LOPES, 2000). Uma vez que o advérbio frequentemente apresenta a ideia de mudança de fase, ele é compatível com estados temporários, conforme (12a) e (12b). Outra restrição no que diz respeito a predicados estativos é que *ainda* é incompatível com estados que não possam ser precedidos pelo seu estado contrário, conforme (12c):

- (12) a. O Lucas ainda vive em Santos.
- b. #A Clara ainda é alta.<sup>10</sup>
- c. \*A Luísa ainda é velha.

---

<sup>10</sup> Um outro contexto em que a sentença se torna aceitável é no uso discursivo em que *ainda* assume valor escalar nocional comparativo, com em: “Para que ela usaria salto? Mesmo de rasteirinha, a Clara ainda é alta”.

Em (12a), *ainda* se combina com um estado episódico. Por outro lado, em (12b), *ainda* se combina com ser alto, um estado permanente. O exemplo (12b) se torna aceitável somente em contextos específicos que permitam conceptualizar *ser alta* como um estado episódico (como por exemplo: “A Clara ainda é alta, mas quando chegar no 6º ano as coleguinhas vão passar ela em altura”). Caso contrário, o caráter permanente de ser alto entra em conflito com o potencial fechamento à direita que *ainda* comporta. Assim, percebe-se que *ainda* delimita um estado positivo p que se segue de um (potencial) estado negativo não p. Não só estados permanentes entram em conflito com essa característica do advérbio, mas também estados que não podem ser prosseguidos de seu oposto, como *ser velha* no exemplo (12c), que é incompatível com *ainda*, uma vez que não pode ser precedido por *ser nova*.

#### 4. JÁ: SIGNIFICADO E DISTRIBUIÇÃO

Lopes (2003) apresenta dois usos tempo-aspectuais de *já*: um proeminentemente temporal e outro proeminentemente aspectual. O uso prototípico dentre esses dois é o aspectual, de acordo com dados empíricos do CRPC (Corpus de Referência do Português Contemporâneo) recolhidos pela autora.

Para diferenciar esses dois usos tempo-aspectuais, a primeira distinção que se pode fazer diz respeito à vericondicionalidade.<sup>11</sup> De acordo com Lopes (2003), o *já* com a função de localizador temporal altera as condições de verdade da sentença, ao contrário do *já* com função de operador aspectual, que não altera essas condições. Em termos de distribuição, a autora nota que apenas a leitura temporal é licenciada no *já*

---

<sup>11</sup> Vericondicionalidade é um termo que se refere à Semântica de Condições de Verdade. Esse é um modelo teórico que parte do princípio de que conhecer o significado de sentença é conhecer as condições sob as quais ela é verdadeira, procurando explicitar essas condições através da construção de uma metalinguagem.

em posição pós-verbal, e que ambas as leituras são possíveis em posição pré-verbal, por vezes gerando ambiguidade, conforme (13):

- (13) a. Comi a lasanha já.  
b. Já comi a lasanha.

De modo geral, quando o tempo da frase é imperfectivo, *já* indica que uma situação em curso (aspectualmente, um estado episódico ou evento durativo) teve início num momento anterior ao da enunciação, conforme (14). Em frases com tempos perfectivos, *já* assinala que a situação como um todo teve lugar num momento anterior ao momento de enunciação, conforme (15). Neste caso, o advérbio pode ocorrer em frases que representam qualquer tipo de evento, incluindo eventos pontuais (RAPOSO, 2013).

- (14) a. A Laís já frequenta a faculdade.  
b. Os pintores já estão trabalhando.  
c. O Raul já está fazendo a faxina.

- (15) a. O bebê já nasceu.  
b. O time já marcou um gol.  
c. Mariana já leu Guerra e Paz.  
d. Eles já chegaram à estação.  
e. O Raul já (começou a/acabou de) fazer a faxina.

No que diz respeito à sua distribuição, as tabelas abaixo mostram que a do *já* temporal é bem mais limitada do que a distribuição do *já* aspectual.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Nota-se uma divergência no que diz respeito à distribuição temporal do advérbio *já* entre Português Brasileiro e Português Europeu. Lopes (2003) aponta que “Em PE [Português Europeu] contemporâneo, *já* só funciona como localizador temporal quando combinado com verbos não estativos no presente simples do indicativo (com valor de futuro próximo)”. Conforme as tabelas e

<b>Já Aspectual</b>			
	Presente	Passado	Futuro
Perfectivo	*	O Luís já se formou	A janta já vai estar servida quando ele voltar.
Imperfectivo	A Sandra já vive em Maceió.	O Fábio já trabalhava na loja quando me contrataram.	*

QUADRO 4 — DISTRIBUIÇÃO DO JÁ ASPECTUAL.

FONTE: A AUTORA, 2020.

<b>Já Temporal</b>			
	Presente	Passado	Futuro
Perfectivo	*	Já comi a sopa.	*
Imperfectivo	*	*	O jogo já vai começar.

QUADRO 5 — DISTRIBUIÇÃO DO JÁ TEMPORAL.

FONTE: A AUTORA, 2020.

Como localizador temporal, *já* pode responder a pergunta “Quando?” e ser substituído por outros adverbiais localizadores temporais (como *amanhã*, *na segunda-feira*, *às duas da tarde* etc.). Nesse uso, o *já* tem como função localizar o evento temporalmente como próximo ao tempo de referência. Essa proximidade pode se dar tanto num passado imediato quanto num futuro próximo, conforme (16). Uma paráfrase de *já* seria “há/daqui a muito pouco tempo”, uma vez que distância entre o

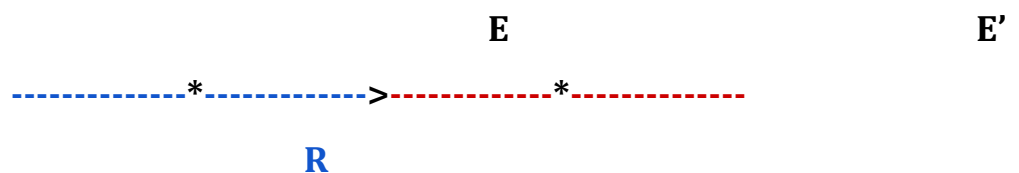
---

outros exemplos ao longo deste artigo, observa-se que no Português Brasileiro esse advérbio aceita a combinação com outros valores temporais, tanto semanticamente (podendo indicar passado próximo, além de futuro), quanto gramaticalmente (podendo se combinar também com o pretérito perfeito, futuro composto, dentre outros).

tempo de referência e o tempo do evento não é especificada de forma precisa, mas os intervalos de tempo indicados são contíguos ou adjacentes. Em seu uso como adjunto adverbial temporal, *já* contribui, em conjunto com a flexão verbal, para a localização temporal da situação representada pela frase, sendo, portanto, vericondicional.

- (16) a. Volto já.  
 b. Ela já vai te atender.  
 c. O Elias já estava indo fazer a lição quando a mãe chegou.

Em seu valor aspectual, *já* expressa a presença de um *state of affairs* em um dado tempo de referência, e traz também a pressuposição de que o início desse estado é anterior a um intervalo específico.



## IR

Partindo da análise que Laura Michaelis (1996) propõe para o termo *already*, podemos construir o esquema acima para a semântica do *já* aspectual. *Já* faz referência a dois intervalos de tempo: um intervalo real (R) e um intervalo de tempo (IR) que está sendo comparado ao intervalo do evento. O intervalo R contém um *state of affairs* (estado ou eventualidade) que precede o que era esperado ou que é comparado no intervalo (IR). Assim, observa-se um *state of affairs* (E) contido em R e um *state of affairs* (E') do mesmo tipo em (IR). A operação feita por *já* é indicar que o *state of affairs* (E) se deu precocemente, ou, em outras palavras, que (R) precede (IR) e (E) precede (E'). Observe:

- (17) a. A Sandra já vive em Maceió.  
b. Quando acabarem as férias, o Caio já terá chegado.

Em (17a), o (E) é o estado de morar em Maceió, e o (IR) é o tempo de fala. Assim, a propriedade de morar em Maceió pode ser atribuída à Sandra em um tempo anterior ao tempo de fala. A mesma relação se faz presente no exemplo em (17b), no qual *já* aponta que a chegada de Caio será anterior ao tempo de referência dado pela oração subordinada.

Para a pragmática de *já*, nota-se no *já* aspectual o elemento de contra-expectativa, funcionando de maneira análoga ao que Gritti (2013) descreve para o *ainda*. Como o *ainda*, o *já* aspectual não é vericondicional. Assim, seu uso seria “supérfluo”, por assim dizer. Se o falante quer ser o mais breve possível (segundo a quarta máxima de Grice, de modo), por que ele usaria um termo a mais na frase que não contribui para as condições de verdade? Usaria para acrescentar ao “não dito”.

Desta forma, usando *já* nas sentenças em (17), o falante se refere às expectativas compartilhadas, de que a Sandra não morasse ainda em Maceió em (17a), ou de que Caio chegasse apenas depois das férias em (17b). Semanticamente, o *já* aspectual aponta precocidade; pragmaticamente, ele aponta, através de uma implicatura conversacional, que essa precocidade contraria as expectativas dos falantes.

Sobre a sua interação com *aktionsart*, observa-se que, ao se combinar a predicados eventivos, o *já* aspectual promove uma descrição perfectiva ou acabada do evento (LOPES, 2003). Combinado com *accomplishments* e *achievements*, *já* focaliza o estado resultante subsequente ao *telos* ou ponto de culminação.

- (18) a. A Maria já escreveu a carta.  
b. Paulo já atingiu a meta.

Assim, o exemplo em (18a) autoriza a inferência de que a carta foi escrita, e o em (18b), a de que a meta foi atingida.

Observa-se que o *já* temporal não é compatível com verbos estativos, conforme (19):

- (19) a. # Já sei/ aprendi francês. (sem leitura de futuro próximo)  
b. \*Sei/ aprendi já francês.

O *já* aspectual, por sua vez, permite a combinação com estados. Contudo, frequentemente esse uso apresenta a ideia de mudança de fase, o que o torna mais compatível com estados temporários (LOPES, 2003). Nesse sentido, se faz claro o paralelo dessa relação do *já* aspectual com estados e os exemplos do advérbio *ainda* em (11).

- (20) a. A Bruna já tem uma casa própria.  
b. #O Arthur já é brasileiro.<sup>13</sup>  
c. \*Já é cedo (para irmos à festa).

Em (20a), *já* se combina com um estado episódico. Por outro lado, em (20b), *já* se combina com *ser brasileiro*, um estado permanente. O exemplo (20b) se torna aceitável em contextos específicos que permitam conceptualizar *ser brasileiro* como um estado episódico (como, por exemplo: “O Arthur vem no carnaval de Salvador todo ano e adora caipirinha: ele já é brasileiro”). Caso contrário, o caráter permanente de *ser brasileiro* entra em conflito com o potencial fechamento à esquerda que *já* comporta. Assim, percebe-se que *já* delimita um estado positivo p que se precede de

---

<sup>13</sup> Um outro contexto em que a sentença se torna aceitável é no uso discursivo em que *já* assume valor escalar, como em: “Para que ele precisaria de visto? O Arthur já é brasileiro”.

um (potencial) estado negativo não p. Não só estados permanentes entram em conflito com esse aspecto de *já*, mas também estados que não podem ser precedidos de seu oposto, como *cedo* no exemplo (20c).

## 5. NEGAÇÃO E DUALIDADE

A negação de *já* e *ainda* corresponde a uma locução que usa o outro advérbio desse par. Assim, *já não* funciona como negação de *ainda*, ao passo que *ainda não* cumpre a função de negação de *já*.

- (21) a: A Laura ainda trabalha contigo?  
b: Não, ela já não trabalha mais na empresa.

- (22) a: A Laura já está trabalhando contigo?  
b: Não, ela ainda não está trabalhando na empresa.

É possível observar certa simetria entre esses dois advérbios, que desde Löbner (1989) é colocada em termos de dualidade. A partir da leitura de Gritti (2013), Lopes (2000; 2003), Michaelis (1993; 1996) e Rodolfo Ilari (1984), é possível descrever *já* e *ainda* em relação à sua função aspectual de mudança de fase e de operador escalar, de modo a demonstrar em que medida esses advérbios aspectuais têm comportamentos espelhados e simétricos.

- (23) a. O Davi ainda não faz medicina.  
b. O Davi já faz medicina.  
c. O Davi ainda faz medicina.  
d. O Davi já não faz medicina.



c. Sob x circunstâncias, o Raul vai aceitar o trabalho.

(25) a. A Mia vai ter terminado o livro depois da aula.

b. A Mia já vai ter terminado o livro antes da aula começar.

c. Em todos os tempos após t, a Mia vai ter terminado o livro.

Por conta desse comportamento, *ainda* se enquadra no que Ilari (1984) classificou como *itens de polaridade negativa*, enquanto *já*, por sua vez, seria um *item de polaridade positiva*.

Em seu trabalho de 1984, Ilari se refere a uma série de locuções que ocorrem exclusivamente em contexto negativo, como por exemplo: (não é) *flor que se cheire*, (não) *abrir a boca* e (não) *ter a mais leve suspeita*. A análise que Ilari faz de tais itens é de que eles operam em uma escala argumentativa, conforme Giles Fauconnier (1975a e 1975b), onde as locuções analisadas aparecem associadas à negação por apontar ao ponto mais baixo dessa escala. Dessa forma, ao negar esse ponto mais baixo da escala, nega-se a escala como um todo. Apesar de *ainda* não exigir a presença de uma negação para licenciá-lo, é um item que aponta para um ponto mais baixo da escala argumentativa, se enquadrando, portanto, no que Ilari define como item de polaridade negativa. *Já*, por sua vez, aponta para um ponto mais alto na escala argumentativa, se enquadrando no que posteriormente foi denominado como item de polaridade positiva: afirmar esse ponto mais alto da escala implica a afirmação da escala como um todo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho observou os advérbios aspectualizadores *ainda* e *já*, seus usos e interações com outros elementos tempo-aspectuais. Percebe-se que *ainda* apresenta valor prototípico de continuidade. Em sua semântica, *ainda* indica o acréscimo de um

evento anterior vinculado ao evento da sentença e em sua pragmática ele traz uma implicatura conversacional de contra-expectativa. Quanto à interação com outros elementos de tempo, aspecto e *aktionsart*, nota-se uma afinidade de *ainda* com o tempo imperfectivo e algumas restrições quanto a verbos estativos.

Para *já*, observa-se que o seu valor prototípico é aspectual, pontuando também o seu uso com valor de localização temporal. A semântica do *já* aspectual indica a anterioridade do evento em relação ao tempo de referência, e a sua pragmática indica contra-expectativa através de uma implicatura conversacional. Quanto à interação com outros elementos de tempo, aspecto e *aktionsart*, nota-se uma afinidade de *já* com o tempo perfectivo e restrições relacionadas às de *ainda* quanto a verbos estativos.

Por fim, é apresentada a interação desses itens com a negação, na qual *já não* funciona como negação de *ainda*, e *ainda não* funciona como negação de *já*. Aprofundam-se algumas das relações entre esses advérbios ao observar seu comportamento em relação à polaridade e à dualidade, de modo a introduzir suas relações complementares quanto à mudança de fase e comportamento escalar.

Para pesquisas futuras, aponta-se a necessidade de se analisar os usos discursivos de *já* e *ainda* de forma a se construir uma explicação que unifique os usos tempo-aspectuais e discursivos. É possível que os elementos de escala, comparação e organização argumental presentes nos usos discursivos desses dois advérbios sejam análogos entre si, e análogos aos elementos tempo-aspectuais dos usos mais “baixos”. Parece que *já* e *ainda* operam esses diferentes campos conceptuais de maneira muito similar, e analisar em que medida esses diferentes usos e significados se relacionam é outro passo importante para o objetivo geral com o qual este trabalho procura contribuir.

Também se nota a necessidade de uma investigação mais aprofundada da relação desses itens com a negação, um aspecto que foi apenas superficialmente

tratado nesse trabalho. Percebemos que esse é um elemento importante que tem muito a acrescentar ao nosso conhecimento acerca da semântica desses advérbios.

## REFERÊNCIAS

- CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.
- FAUCONNIER, Giles. "Pragmatic scales and logical structure". In *Linguistic Inquiry*, 6/3, p. 53-375. 1975a.
- \_\_\_\_\_. "Polarity and the scale principle". In *CLS. Vol. 11*. Chicago Linguistic Society, p. 188-99. 1975b.
- GRICE, Paul H. "Lógica e conversação". In DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos da linguística*. Trad. João Wanderley Geraldi. Campinas: IEL: Unicamp, 1982.
- GRITTI, Leticia. *Ainda há o que fazer, mas já não mais aqui! — Uma análise semântico pragmática de ainda e já não mais*. 2013, 223f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, 2013.
- ILARI, Rodolfo, A. "Locuções Negativas Polares: Reflexões sobre um tema de todo mundo". In *Linguística: questões e controvérsias. Série Estudos 10*. Uberaba: Faculdade Integrada de Uberaba, 1984. p. 83-97.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.
- Löbner, Sebastian. "Germanschon — erst — noch: An Integrated Analysis". In *Linguistics and Philosophy*, 12, 1989, p. 167-212.
- LOPES, Ana Cristina M. "Ainda". In GÄRTNER, E.; HUNDT, C; SCHÖNBERGER, A. (Eds.) *Estudos de gramática Portuguesa*. Frankfurt am Main, 2000. p. 65-87.
- \_\_\_\_\_. "Elementos para uma análise semântica das construções com já". In CASTRO, I.; DUARTE, I. (Eds.) *Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: IN-CM, v. I, 2003. p. 411-428.
- MICHAELIS, Laura A. "'Continuity' within Three Scalar Models: The Polysemy of Adverbial *Still*". In *Journal of Semantics*, Volume 10, Issue 3, 1993, p. 193-237.
- \_\_\_\_\_. "On the Use and Meaning of 'Already'". In *Linguistics and Philosophy*, Vol. 19, No. 5, 1996, p. 477-502.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; BASSO, Renato M. *Arquitetura da Conversação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

RAPOSO, Eduardo P. “Advérbio e Sintagma Adverbial”. In RAPOSO, E. P. et al. *Gramática do Português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 1569-1585.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no Português: A categoria e sua expressão*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 5ª ed, 2016.

VENDLER, Zeno. “Verbs and Time”. In *Linguistics in philosophy*, 1967, p. 97-121.

Recebido em: 20/08/2020

Aceito em: 16/09/2020